

## PERIGOS, ARMADILHAS E SEDUÇÕES

## DANGERS, SNARES ARE SEDUCTIONS

Epaminondas de Matos Magalhães – PUC-RS

**RESUMO:** O presente texto busca discutir os perigos e as armadilhas que a leitura proporciona e que também seduzem o leitor. As discussões pretendem demonstrar que na leitura essa tríade-*perigos, armadilhas e seduções*- se realiza simultaneamente. As discussões, neste texto, estão articuladas com textos literários, no intuito de demonstrar o papel do texto literário na e para a vida do ser humano.

**PALAVRAS CHAVE:** *leitura, literatura, sedução*

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the dangers, the pitfalls that reading provides, but also entices the reader. The discussions aim to demonstrate that in reading this triad-*hazards, traps and seduction* are held simultaneously. The discussions in this text are articulated with literary texts in order to demonstrate the role of the literary text and the human being's life

**KEYWORDS:** *reading, literature, seduction*

### Introdução

Tomando como ponto de partida, para nossas discussões, o primeiro ponto levantado no título desse trabalho *perigos*, parafrasearemos uma das falas do protagonista Riobaldo da obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa quando este afirma que a vida pode ser um “negócio muito perigoso”. Neste trabalho propomos que a leitura também “pode ser um negócio muito perigoso”, pois pode alterar a consciência humana, pode transformar o homem.

Lhosa (2002), em seu ensaio *La verdad de las mentiras*, aponta que alguns gêneros literários a citar, a novela, na América Latina, foi proibida pelos inquisidores espanhóis durante três séculos, e ainda admite que esses foram os primeiros a entenderem os perigos da literatura e da leitura de tais textos.

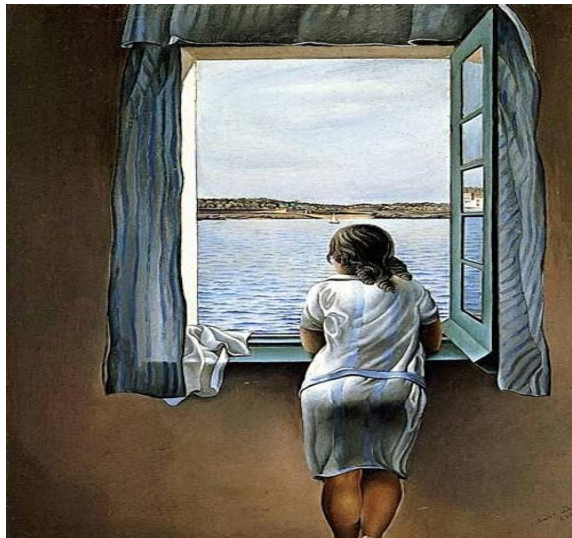
Al prohibir no unas obras determinadas sino un género literario em abstracto, el Santo Oficio estableció algo que a sus ojos era una ley sin excepciones: que las novelas siempre mienten, que todas ellas ofrecen una visión falaz de la vida. En efecto, las novelas mienten —no pueden hacer outra cosa— pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una

curiosa verdad, que sólo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es. (Lhosa, 2002, p. 3)

Há que se considerar que os perigos da leitura estão justamente relacionados ao fato do homem deparar-se com as verdades encobertas pela ficcionalidade que o tocam com maior profundidade do que as verdades ditas diretamente. Assim, ao “mentir” o texto literário lança o leitor para um outro universo, onde ele pode sair de si mesmo, ser outro, estabelecer pontos de contato entre o que ele é, e o que gostaria de ser. A leitura literária, portanto, permite ao leitor viver o que não vive, ser o que não se é, *se leen para que los seres humanos tengan las vidas que no se resignan a no tener* (Lhosa, 2002, p. 4). Para pensarmos as possibilidades da leitura tomemos a seguinte tela de Dali.

### **Moça na janela (1925)**

Metaforicamente, como podemos ver na tela *Moça na Janela* (1925), de Dali a leitura são



portas e janelas tanto para o mundo, quanto para nós mesmos, contudo se debruçarmos diante da janela vemos, apenas, uma parte daquilo que se apresenta, precisamos abrir a porta e a convidarmos para fazer parte de nossas vidas, transformando-a e modificando as estruturas convencionais.

A leitura permite que o leitor viaje, divague, possa imaginar sua própria humanidade, imagine novos portos, novas passagens. A leitura desperta o leitor para lugares inusitados, para paragens desconhecidas, enquanto permite redimensionar seus conhecimentos e entendimentos sobre si e sobre o mundo, provocando pensamentos distintos daqueles que se vê e vive diariamente.

Algumas das personagens da literatura universal, como *Emma Bovary*, da obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, demonstram claramente essa relação dos perigos da leitura literária, pois *Emma Bovary* cria um universo de desejos e sensações projetado através da leitura dos romances. Com essas leituras ela constata que não possui as emoções e aventuras dos livros com Carlos Bovary, então seu esposo, daí acaba traindo-o duplamente para viver aquilo que as leituras dos romances lhe projetavam.

Outra personagem que apresenta a mesma situação, demonstrando os *perigos* e as *armadilhas* da leitura é a personagem Estevão de *A mulher de preto*, de Machado de Assis que aponta que os livros e a leitura de romances só podem formar hábitos fúteis e levianos nas mulheres leitoras.

Uma menina que deixa as bonecas para ir decorar mecanicamente alguns livros mal escolhidos; que interrompe uma lição para ouvir contar uma cena de namoro; que em matéria de arte só conhece os figurinos parisienses; (...) esta menina pode vir a ser um esplêndido ornamento de salão e até uma fecunda mãe de família, mas nunca será uma mulher.

Precisamos, antes de continuarmos as discussões, fazer uma ressalva de que os romances durante os séculos XVIII e XIX, especificamente, eram lidos pelas mulheres, em sua grande maioria, consideradas até então como sexo imbecil e para, simplesmente, afirmar a tríade- ser mãe, esposa e dona de casa. Assim, há uma grande preocupação durante esses séculos sobre a formação das mulheres, a partir das leituras a serem destinadas a esse público.

No trecho acima do conto *A mulher de preto*, de Machado de Assis, o personagem-narrador Estevão declara que os livros poderiam incitar o namoro e futilidades. Tais questões demonstram que a leitura literária é perigosa, pois os leitores podem se identificar com as personagens dos romances e, assim, com *en esos contrabandos filtrados a la vida liberta los oscuros demonios que los desasosiegan* (Lhosa, 2002, p. 5).

A leitura, especificamente, da literatura, portanto, é o bilhete de passagem para uma viagem rumo a um universo diferente daquele que estamos acostumados ou vivemos diariamente. Hugo de Carvalho Ramos, autor goiano, destaca o papel da leitura e do livro, a exemplo, nas mãos de pessoas do campo, em alguns de seus textos. Tal relação propicia uma fantasia em sair do universo-do campo- e partilhar de uma realidade que não lhe é usual. No conto *Gente da Gleba*, Ramos, *a priori*, destaca o papel inusitado do livro nas mãos de pessoas simples que habitam o universo rural.

Na sala, presa das escápulas, roçagante, pendia a larga rede cuiabana, atravessando de lado a lado o pavimento de massapé. O resto da mobília espalhava-se em torno, meia dúzia de tamboretos de couro tauxiado ao pé da mesinha de costura, de cujo balaio transbordavam entremeios de crochê, um cabeção de crivo, alinhavos inacabados de corpete, junto ao castiçal de latão sobre um volume encadernado da história de Carlos Magno e dos pares de França. (1965, p. 70)

Logo, a seguir, visualizamos a cena em que a leitura transforma uma das personagens.

Às vezes lia. Histórias tocantes de Genoveva de Brabante ou as aventuras dos doze pares de França, livro tido em grande estima no sertão, cuja leitura, nos serões solarengos das fazendas do interior, era feita em torno do lampião de querosene à família atenta, que tinha herdado da idade feudal, através do drama das conquistas, aquele gosto barroco de façanhas guerreiras, postas em prática anualmente na sede dos municípios com o espetáculo faustoso das cavalcadas.

Nhá Lica fazia em casa essas leituras. Começava quase sempre pelo episódio da Princesa Floripes, de que tinha um secreto prazer em acentuar a animosidade e o ardor belicoso com que, abrasada toda por converter-se à fé cristã de seu amado Gui de Borgonha, acirrava contra as hostes de seu pai os cavaleiros cativos na torre de Ferrabrás...

E uma noite, recolhendo-se um tanto excitada daquelas narrativas, sonhou que estava encerrada numa alta torreola, como a que armaram a vez passada em Curalinho, e Dito era o moço paladino que viera libertá-la dos furores paternos do Almirante Balão, encarnado na figura venerável de seu velho pai... De então, ao reler aquelas páginas, sentia-se enleada por um sentimento obscuro e era com desafogo que passava aos amores da Rainha Angélica com o sobrinho do Imperador, o destemido Roldão, corajosamente encerrado no interior do leão mágico...

Fica evidente que Ninha Lica sofre/se angustia diante da leitura do texto literário, de tal forma que uma determinada noite, a mesma sonha com a situação encenada na obra que costumava ler e vive as angústias da princesa que fica presa em uma torre amarrada. A leitura, desta forma, pode ser um “negócio muito perigoso”, pois ao ler realidades adversas as suas a personagem sofre uma modificação. Projeta-se não mais em um ambiente rural, nem como uma simples camponesa, mas como uma princesa, presa em uma torre a ser salva por um príncipe encantado. Isso demonstra que a leitura desloca o leitor para um lugar distante, para universos inimagináveis.

Aliado a questão dos *perigos e amardilhas* da leitura do texto literário, temos a *sedução* que esta leitura pode propiciar no sujeito leitor. A relação entre sedução no e pelo texto literário vem metaforicamente expresso no conto *A função da arte*, de Eduardo Galeano, constante da obra *O livro dos abraços* em que a personagem Diego tinha um enorme desejo de conhecer o mar e seu pai cruza o país para levá-lo, ao chegar e deparar-se com a imensidão do mar e do deslumbramento

diante desse, amedonha-se e ele solicita que o pai o “ajude a ver”. Vejamos o conto, para fazer uma relação dialógica entre o conto e o papel do texto e do professor no processo de leitura.

**Função da arte, Eduardo Galeano**

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!"

É notório o maravilhamento da personagem diante do mar, relação muito semelhante entre o leitor diante do texto, principalmente, do leitor criança que ao deparar-se com o livro que lhe proporciona uma viagem por universos, como nos diria Camões, *nunca dantes navegados*<sup>32</sup>.

Outra questão que o texto nos revela é que Diego solicita do pai que o ajude a olhar, isso metaforicamente indica a relação do professor como mediador na relação e contato do aluno com o texto. Cabe, assim, diante de um texto, mediar o contato e mostrar o quanto o texto literário seduz o leitor.

O maravilhamento diante de um texto e/ou diante de uma obra fica, também, expresso no poema *Biblioteca verde*, de Carlos Drummond de Andrade que destaca a emoção do menino ao encontrar-se de posse dos livros da Biblioteca de Obras Célebres. Vejamos o poema:

Chega cheirando a papel novo, mata  
de pinheiros toda verde. Sou  
o mais rico menino destas redondezas.  
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)  
Ninguém mais aqui possui a coleção  
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.  
Antes de ler, que bom passar a mão  
no som da percalina, esse cristal  
de fluida transparência: verde, verde.  
Amanhã começo a ler. Agora não.  
Agora quero ver figuras. Todas.  
Templo de Tebas. Osiris, Medusa,  
Apolo nu, Vênus nua... Nossa  
Senhora, tem disso nos livros?  
Depressa, as letras. Careço ler tudo.  
A mãe se queixa: Não dorme este menino.  
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!  
Espermacete cai na cama, queima  
a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo  
essa Biblioteca antes que eu pegue fogo  
na casa. Vai dormir menino, antes que eu perca

<sup>32</sup> Citação retirada da obra *Os Lusíadas*, de Luis Vaz de Camões

Dezembro de 2011

a paciência e te dê uma sova. Dorme,  
filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.  
Mas leio, leio. Em filosofias  
tropeço e caio, cavalgo de novo  
meu verde livro, em cavalarias  
me perco, medievo; em contos, poemas  
me vejo viver. Como te devoro,  
verde pastagem. Ou antes carruagem  
de fugir de mim e me trazer de volta  
à casa a qualquer hora num fechar  
de páginas?  
Tudo que sei é ela que me ensina.  
O que saberei, o que não saberei nunca,  
está na Biblioteca em verde murmúrio  
de flauta-percalina eternamente.

O poema nos revela que ler um livro, até certo ponto, obedece a um ritual: o menino apalpa o livro; abre as páginas e o fecha novamente; vê as figuras e deixa a leitura para o dia seguinte, o livro, portanto, passa a ter uma natureza tátil e carnal. Há o deslumbramento da criança diante do texto/livros da Biblioteca de obras célebres. Fato semelhante de sedução ocorre no conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, onde a criança-leitora, diante da possibilidade de ter em posse o livro *Reinações de narizinho*, de Monteiro Lobato, passa as mais absurdas humilhações pela garota dona do livro e ao tê-lo fica maravilhada, abraça-o e divaga-se diante da leitura de algumas páginas, fechando-os para que essa felicidade perdure.

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim.

Neste trecho percebemos que a leitura traz sim um maravilhamento, e aliado a esse um teor revolucionário, de transformação, de transgressão, daí intitularmos esse texto como *perigos, armadilhas e sedução*, pois a literatura produz esses sentimentos distintos, mas simultâneos, visto que nos seduz, mas nos transforma nos inculca situações e pensamentos revolucionários e transgressores.

A leitura literária, portanto, pode provocar seus efeitos, a partir da articulação tríade: *sedução, perigos e armadilhas*. Essa relação entre pensar e refletir sobre si mesmo, viver outros eus, sair de si mesmo, através da leitura, permite, também, a emancipação do sujeito leitor. Visto que

*salir de sí mismo, ser otro, aunque sea ilusoriamente, es una manera de ser menos esclavo y de experimentar los riesgos de la libertad.* (Lhosa, 2002, p. 10).

Ainda seguindo a linha de que a literatura e a leitura do texto literário produzem uma sedução que traga o leitor para dentro do texto de tal forma que fica impossível diluirmos as fronteiras entre o ficcional e o real, lembremos do conto *Continuidade dos parques*, de Julio Cortazar, que como o próprio título indica há uma continuidade entre as histórias superpostas: a personagem que recostada em sua poltrona de veludo retoma a leitura de um romance, se vê inserido dentro do mesmo, a princípio como testemunha e, logo em seguida, as personagens do romance se libertam das páginas do livro e, imbuídas de um desejo de vingança, porque há uma tríade amorosa que não nos é revelada se o homem recostado na poltrona faz parte, aparecem atrás deste com um punhal em suas mãos. A *sedução* que envolve o leitor-personagem em sua poltrona, também, envolve o leitor real.

A sedução no referido conto permite que o protagonista seja deslocado de sua posição para o interior das páginas que lê. O leitor espectador, simplesmente, se transforma em leitor ativo.

Começara a ler a novela uns dias antes. Abandonou-a por negócios urgentes, voltou a abri-la quando regressava de trem à herdade; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Essa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador e discutir com o mordomo uma questão de sociedades, voltou ao livro na tranqüilidade do estúdio que olhava em direção ao parque de carvalhos. Refestelado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o houvera incomodado com uma irritante possibilidade de intrusões, deixou que sua mão esquerda acariciasse uma vez ou outra o veludo verde e pôs-se a ler os últimos capítulos. (...)

Palavra a palavra, absorvido pela sórdida dis-juntiva dos heróis, deixando-se ir até as imagens que se concertavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do monte.

A fantasia e a sedução do texto permitem uma fusão entre leitor-protagonista e personagens do romance lido. O ato de ler, neste conto, permite a imersão nesse mundo de irrealidades e fantasias, e ao lançar o leitor a esse universo permite que ao final, quando a personagem do romance chega com o punhal nas mãos para matar o marido, algo que nos parece realizável pela personagem imbuída de vingança, nos remete também a morte do leitor, dado a finalização do conto. O leitor tanto real, de fora do conto, quanto o que se senta na cadeira de veludo, são inseridos em um labirinto de palavras.

Desta forma, *os perigos, as armadilhas e a sedução* da/na leitura permitem que o leitor possa se emancipar e se libertar das amarras de ser o mesmo, sendo outro, vivendo o que as personagens vivem, transformando-se e alterando-se. Assim, retomamos a paráfrase inicial desse

trabalho de que a leitura pode ser um negócio muito perigoso, de João Guimarães Rosa, pois a leitura nos oferece perigos e armadilhas, mas que nos levam também as seduções.

### **Referências**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Palavra Mágica**. Rio de Janeiro: Record. 2003.

ASSIS, Machado de. **Contos Fluminenses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 265.

CORTÁZAR, Julio. Continuidade dos parques. In: **Final do jogo**. Trad. Remy Gorja F. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

GALEANO, Eduardo. Função da arte. In: **Livro dos abraços**. Trad. Eric Nepomuceno, Porto Alegre, LPM, 2002.

LHOSA, Mario Vargas. **La verdad de las mentiras**. Santiago, Punho de Lectura, 2002.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.

ROSA, Guimaraes. **Grande sertão: veredas**. 15.ed. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1982.